

SOJA – 14/05/2018 a 18/05/2018

Tabela 1 - Parâmetros de análise de mercado de soja – médias semanais.

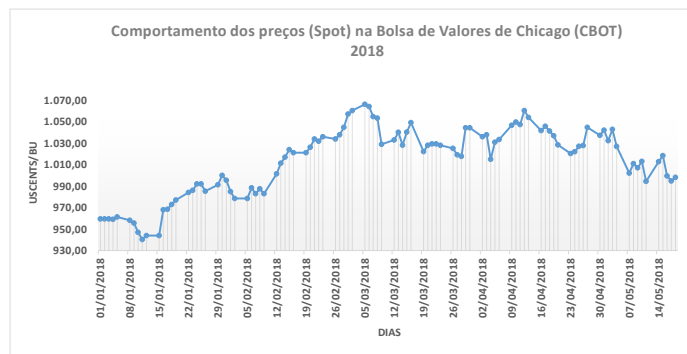
	Unidade	12 meses	Semana anterior	Semana Atual	Variação anual	Variação Semanal
Preços ao produtor						
Sorriso-MT	R\$/60Kg	54,08	69,60	69,10	27,77%	-0,72%
Cascavel-PR	R\$/60Kg	58,50	75,86	75,50	29,06%	-0,47%
Preço ao Atacado						
Rondonópolis-MT	R\$/60Kg	58,86	75,00	73,91	25,57%	-1,45%
Paranaguá-PR	R\$/60Kg	70,00	88,44	86,14	23,06%	-2,60%
Cotações Internacionais						
Bolsa de Chicago	US\$/60kg	21,13	22,85	22,17	4,91%	-2,98%
Paridades						
Exportação Cascavel-PR	R\$/60Kg	77,65	79,26	77,27	-0,49%	-2,51%
Exportação Paranaguá	R\$/60Kg	84,56	86,86	84,83	0,32%	-2,33%
Indicadores						
Dólar	R\$/US\$	3,49	3,52	3,57	2,15%	1,50%

Os preços médios semanais apresentados nas praças de Sorriso/MT, Cascavel/PR, Rondonópolis-MT e Paranaguá/RS são referentes ao mercado disponível.

**Preço mínimo (safra 2016/17): R\$ 30,17/60Kg

MERCADO EXTERNO.

Os preços internacionais na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), tiveram uma pequena baixa esta semana (14 a 18/05/2018), passando de US\$ 10,05/bu, de média da semana anterior, para US\$ 10,04/bu nesta semana, motivados, principalmente, pela possível taxaço de soja dos Estados Unidos por parte China, voltando a ficar abaixo dos US\$ 10/bu.



Quais as expectativas de preços internacionais durante 2018 e quais os fatores que podem afetar os preços a curto e longo prazo?

Para responder é importante conhecer os fundamentos de mercado de alta e de baixa em 2018 e início de 2019.

1- Os fatores de alta em 2018 são:

- Quebra de safra na Argentina:

Os problemas climáticos ocorridos na Argentina foram o principal fator altista de 2018. Durante praticamente mais de 4 meses a bolsa de valores de Chicago sustentou os preços internacionais em cima deste fundamento. A Argentina, que na safra 2016/2017 produziu um pouco mais de 57,80 milhões de

toneladas, na safra atual produziu um pouco mais de 39 milhões de toneladas, ou seja, uma quebra de mais de 17 milhões de toneladas, que afetou, não somente a produção de soja mundial, mas especialmente a produção de farelo e óleo de soja, influenciando positivamente nos preços.

- Redução de área e produção dos Estados Unidos, em 2018/2019:

Desde o início do ano, os americanos já haviam sinalizado uma redução de área de soja para a safra 2018/2019, e apesar dos preços estarem melhores que os preços de milho nos Estados Unidos (em 2017), as áreas de soja norte-americanas, para safra 2018/2019 foram estimadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) com uma redução de 1,5%. Com isto, a produção de soja dos Estados Unidos passou de 119,52 milhões de toneladas para 116,48 milhões de toneladas; redução causada pelos baixos preços nos mercados internacionais (CBOT).

- Aumento dos esmagamentos americanos - safra 2017/2018:

Outro fator que por vários momentos deu sustentação aos preços internacionais em 2018 foram os esmagamentos de soja americanos na safra 2017/2018.

Porém, não foi um fundamento de grande relevância. Para entender melhor, basta comparar o valor de esmagamento americano de soja do primeiro quadro de oferta e demanda do Usda, maio de 2017, para a safra 2017/2018, que era de 53,07 milhões de

toneladas, com o atual (maio de 2018), para mesma safra, que é de 54,16 milhões de toneladas, ou seja, houve aumento de apenas 1 milhão de toneladas. E se comparada à safra 2016/2017, foi de apenas 2,42 milhões de toneladas.

- **Importações chinesas para a safra 2017/2018:**

O número de importação de soja feita pela China, para a safra 2017/2018 - apesar de ser o pior percentual de aumento de importação entre safras, é de apenas 3,75% - por muitos momentos foi motivo para sustentação de preços internacionais em 2018. O fato é que, as importações chinesas estão bastante aquecidas. A soja americana não está sendo exportada até o momento e o Brasil não tem produto suficiente para "saciar" a demanda. Com isto, tirando alguns fatores isolados e momentâneos, o mercado internacional ficou oscilando durante meses, entre US\$ 9,40/bu (suporte) e US\$ 10/bu (resistência), sustentado, principalmente, pelos problemas climáticos na Argentina.

- 2- Os fatores de baixa em 2018 são:

- **Altíssima produção de soja na safra 2017/2018 dos Estados Unidos:**

Segundo o Usda, as produções americanas passaram de 106,86 milhões de toneladas na safra 2015/2016 para 116,92 milhões de toneladas na safra 2016/2017 e 119,52 milhões de toneladas na safra 2017/2018.

- **Alta safra brasileira de grãos na safra 2017/2018:**

Segundo o Usda, no mês de maio de 2017 a produção brasileira de soja, para a safra 2017/2018 seria de 111,60 milhões de toneladas, já no último relatório divulgado (maio de 2018), este valor passou para quase 117 milhões de toneladas, ou seja, um aumento de mais de 5,3 milhões de toneladas.

- **Estoque de passagem americano:**

Os estoques de passagem dos Estados Unidos para a safra 2017/2018 foram estimados em 14,43 milhões de toneladas, ou seja, o segundo maior estoque de passagem da história dos EUA, atrás, apenas, da safra 2006/2007. Para a safra 2018/2019 houve uma pequena redução dos estoques de passagem americanos, porém, ainda assim é o quarto maior estoque de passagem da história.

- **Baixas exportações americanas para safra 2017/2018:**

Durante 2017 as exportações americanas para a safra 2017/2018 foram estimadas em 61,24 milhões de toneladas. No entanto, com os preços internacionais oscilando abaixo de US\$ 10/bu, os americanos reduziram suas exportações, e no mês de maio de 2018, estas foram estimadas em apenas 56,20 milhões de toneladas, ou seja, entre as safras 2016/2017 e 2017/2018 houve uma redução de exportação de 3 milhões de toneladas.

Cabe salientar que, além dos preços internacionais em baixa, o dólar forte fez com que outros países, como o Brasil ficassem mais competitivo no mercado de soja, além disto, devido a problemas climáticos ocorridos na época de plantio da safra 2017/2018, a soja americana estava com um percentual de óleo nos grãos, menor do que o mercado recomenda.

Para finalizar os fatores de alta em 2018, até o momento, há de se dizer que a China, em retaliação à taxa de minério de ferro imposta pelos Estados Unidos, divulgou que iria taxar a soja americana em 25%, com isto, as exportações americanas que já estavam prejudicadas devido aos fatores citados, podem reduzir mais ainda, tanto na safra atual, quanto na próxima safra que esta sendo plantada.

- 3- Levando em consideração os fundamentos de mercado do momento, e para o futuro, temos que:

- **Faltando ainda 15 semanas para o fim do ano comercial dos Estados Unidos, as exportações deste país, até o momento, estão em 45,44 milhões de toneladas, e as vendas para exportações (exportações futuras), estão em 9,75 milhões de toneladas.**

Então, caso não haja mais nenhum cancelamento de venda para exportações até o fim do ano comercial americano, as exportações ficariam em 55,19 milhões de toneladas, ou seja, apenas 1 milhão de toneladas a menos que o estimado pelo USDA para a safra 2017/2018, no valor de 56,20 milhões de toneladas. Nesse foco, é bem provável que o número de exportação americana divulgado pelo Usda, aumente até o fim do ano comercial, reduzindo assim, os estoques de passagem deste país, sendo desta forma um fator de sustentação de alta para os preços internacionais.

- **Apesar da redução de área plantada nos Estados Unidos prevista pelo Usda, para a safra 2018/2019, a produtividade média estimada para esta safra, que é baseada em uma média estatística das últimas**

produtividades, deve ser maior, isto, claro, se não houver nenhum problema climático no desenvolver da cultura.

Por isto, o clima norte-americano deve ser um fator de grande relevância durante os próximos meses, até o início da colheita dos Estados Unidos, em setembro de 2018.

Caso haja algum problema climático, os preços tendem a subir, caso não haja, os preços devem voltar aos patamares abaixo de US\$ 10/bu, pois a produção americana pode chegar aos mesmos 119 milhões de toneladas da safra 2017/2018, lembrando que nesta safra mencionada houve problemas climáticos e os preços internacionais encontraram suporte neste fundamento.

- Além disto, a produção brasileira de soja para a safra 2018/2019, provavelmente deve ser maior que a estimada pelo Usda. O aumento de 4% no tamanho destas áreas está dentro de uma boa estimativa para a próxima safra (2018/2019), que começará a ser plantada em setembro.

Porém, assim como a produtividade dos Estados Unidos, a produtividade brasileira tem grandes chances de ser maior que a estimada atualmente pelo Usda, isto é, se também não ocorrer nenhum problema climático no decorrer do desenvolvimento da cultura. Portanto, a safra brasileira pode ser um fator de alta ou de baixa para o final de 2018 e início de 2019 -, tudo vai depender se o clima vai ou não afetar as produtividades da safra 2018/2019.

- Outra produção que vale a pena ser comentada é a da Argentina, que deve voltar a normalidade e ficar, em 2019, no valor de 56 a 58 milhões de toneladas. Isto é, mais uma vez, se não houver problemas climáticos como o ocorrido na safra atual, que reduziu em mais de 13 milhões a safra da Argentina e deu sustentação aos preços internacionais em 2018.
- Um fator de grande relevância para os próximos meses, que deve afetar drasticamente os preços internacionais, além do clima norte americano, é a possível taxaço de 25% da importação de soja americana pelos chineses.

A pergunta que fica é:

Será que vai mesmo ocorrer?

E se ocorrer, o que pode acontecer?

A china importou dos Estados Unidos em 2017 aproximadamente 36 milhões de toneladas de soja. E em 2018, até 17 de maio, este valor foi de 28 milhões de toneladas, provando que as exportações de soja dos Estados Unidos para a China, para a safra 2017/2018, estão menores do que na safra 2016/2017.

Com a possível taxaço chinesa, as exportações da safra 2018/2019 devem ser menores?

Façamos uma conta simples, quando os preços ficam próximos de US\$ 9/bu, as exportações americanas começam a reduzir.

Deste modo, fazendo uma conta grosseira para que as exportações na safra 2018/2019 não caiam caso haja taxaço de importação chinesa, é necessário que os preços internacionais estejam acima de US\$ 11/bu.

A China é de longe o maior importador de soja do mundo, com uma importação estimada para a safra 2018/2019 em 103 milhões de toneladas, por outro lado, no mercado exportador existem apenas dois exportadores: o Brasil e os Estados Unidos. Por isto, caso os Estados Unidos diminuam suas exportações para a China, o Brasil não vai ter condição de suprir esta demanda, mesmo se houver um aumento de produção.

Então, esta taxaço é ruim, tanto para os Estados Unidos, quanto para China, existindo grandes possibilidades de que não ocorra. Se ocorrer, os preços internacionais devem subir bastante, até chegarem perto do valor de US\$ 11/bu citado acima, e os Estados Unidos voltem a exportar como dito anteriormente.

Contraopondo esta previsão, caso haja a taxaço chinesa e as exportações americanas comecem a diminuir, os estoques já altos dos Estados Unidos devem aumentar, e, caso isto ocorra, os preços internacionais que são formados na Bolsa de Valores de Chicago (Estados Unidos) devem baixar.

MERCADO INTERNO.

Mesmo com as oscilações do mercado internacional na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), os preços nacionais continuam a encontrar suporte na alta do dólar (que nesta semana chegou a média de R\$ 3,75), prêmio de porto e as altas exportações brasileiras.

Com o cenário atual internacional e com o dólar em alta, como ficam os preços nacionais a curto e logo prazo?

1- Preços nacionais - curto prazo.

Os preços nacionais normalmente acompanham as variações do mercado internacional. Além disto, outros fatores que mais influenciam os preços nacionais são: a paridade de exportação, dólar e frete nacional.

- Os preços internacionais estão encontrando suporte por motivos variados. Com os preços variando entre US\$ 9,94/bu e US\$ 10,43/bu, no mês de maio de 2018.

- Em 2018 os prêmios de exportação em Paranaguá – PR variaram entre UScents 61/bu e UScents 115/bu.

No mês de maio, os preços médios dos prêmios foram de UScents 85,94/bu. Se comparados a maio de 2017, os valores dos prêmios (maio de 2018), estão 80% maiores, motivados pelas baixas exportações americanas, alta demanda chinesa e a divulgação de possível guerra comercial entre Estados Unidos e China.

Porém, com as altas exportações brasileiras no mês de maio, os prêmios tiveram uma forte baixa, se comparados ao mês de abril de 2018, e caso não haja nenhuma novidade quanto às taxações chinesas, os prêmios de exportações não devem ter uma variação positiva a curto prazo.

- O valor do dólar em 2018 é o mais alto desde março de 2016, e a moeda brasileira segue em depreciação-, episódio que pode ser justificado pelas incertezas do cenário eleitoral brasileiro e também pela alta do dólar frente a cesta de moedas de economias avançadas e emergentes. De acordo com o Departamento do Censo dos EUA (Bureau of the Census), as vendas no varejo geral americano seguem em alta, evento que estimulou a valorização da moeda estadunidense nos mercados globais. Além disso, os indicadores macroeconômicos apontam para uma vigorosa solidez da economia estadunidense, fato que mantém condições razoáveis para fundamentar a alta futura das taxas de juros pelo Federal Reserve (FED) nos EUA.

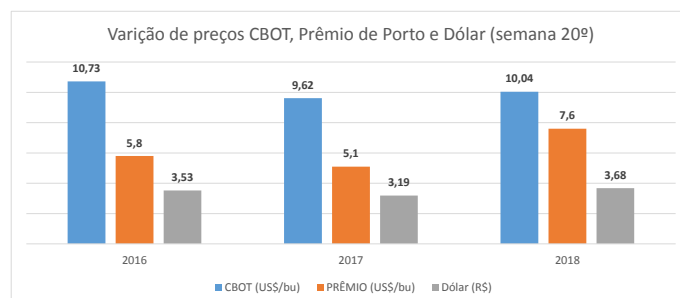
Diante disso, o Banco Central do Brasil – Bacen interviu de maneira intensa no mercado brasileiro por meio de uma oferta de 15.000 contratos de Swap cambial no dia 21 de maio. A operação foi antecedida pela ampliação de estoques de swap de US\$4,25 bilhões para US\$27,3 bilhões. Além

disso, cabe destacar que o Copom já assumiu uma posição de cautela na última reunião e manteve a taxa básica de juros em 6,5%, pois a expectativa de alta dos juros dos EUA reduz o interesse de investidores em economias emergentes, como a brasileira.

A variação do dólar à vista, no mercado brasileiro, em maio foi de 4,94%.

Portanto, os preços nacionais estão entre os mais altos dos últimos anos, ficando atrás, apenas, dos preços praticados em 2016, quando o Brasil teve uma forte quebra de safra (2015/2016). Estas altas dos preços nacionais são motivadas principalmente pela alta do dólar e prêmio de porto.

Nesta semana (14 a 18/05/18) os preços nacionais estão em média no valor de R\$ 76,76/60kg. No mesmo período de 2017, este valor estava em R\$ 59,29/60kg, e na mesma semana de maio 2016, em R\$ 78,53/60kg, ou seja, mesmo com a quebra da safra 2015/2016, os preços praticados hoje estão bem perto do valor praticado em 2016.



Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o Brasil exportou nos 13 dias úteis de maio, aproximadamente 8,46 milhões de toneladas de soja em grãos, com um valor diário de 651 mil toneladas. Com este valor médio diário as exportações brasileiras poderiam chegar ao valor de mais de 13 milhões de toneladas. O problema é que na semana de 21 a 25 de maio aconteceu a greve dos caminhoneiros que deve afetar as exportações do mês de maio.

- Isto posto, finalizamos a análise de curto prazo, com os preços dos fretes. Os preços médios de frete, em 2018, estão 18% maiores que os praticados em 2017, o principal motivo destes preços em alta são: o alto volume de soja exportada em 2018 e o aumento do biodiesel praticado este ano. Mesmo assim, os preços internacionais, somados a alta do dólar, altos prêmios de porto têm tornado os preços nacionais um dos mais altos dos últimos anos.

2- Preços nacionais- longo prazo.

Independentemente do que aconteça com os preços internacionais, o dólar deve continuar em alta, os prêmios de porto devem baixar e as exportações brasileiras devem ser superiores ao exportado em 2017, em mais de 4 milhões de toneladas.

Com isto, os preços nacionais deverão continuar a ter suporte, com tendência altista, principalmente se houve algum fator que eleve os preços internacionais, como exemplo, o clima norte americano que, nesta época, é um fator de grande especulação.